



Nota do Editor

No cipoal de notícias ruins em que a economia brasileira está envolvida, uma das poucas fontes de alívio neste primeiro semestre foi a inflexão da trajetória de deterioração das transações correntes mantida desde 2010, que culminou em um déficit de 4,4% do PIB no final de 2014, conforme a atualização metodológica do FMI adotada pelo Banco Central. Para uma economia em plena rota de desaceleração, os US\$ 104,9 bilhões negativos em contas-corrente acumulados no final do ano passado foram alarmantes, deixando para 2015 uma sucessão de dúvidas sobre o nível de fragilidade brasileira no setor externo. Mas a queda na atividade econômica mais forte do que se esperava, ajudou a reversão desse movimento. No acumulado do primeiro semestre de 2015, as contas-correntes registraram déficit 23,4% menor do que no mesmo período de 2014, como mostra a reportagem de capa desta edição.

Mas se no *front* externo as contas melhoraram, internamente mais um setor sente na carne a crise que o país atravessa. Embora haja unanimidade no mercado que o economista Robert Shiller, um dos três ganhadores do Prêmio Nobel de Economia de

2013, foi precipitado ao dizer, em outubro daquele ano, que o Brasil estava vivendo um processo de bolha imobiliária, a realidade é que o setor vive uma de suas piores crises dos últimos anos, semelhante a que atravessa o setor automobilístico.

O israelense Amos Genish, presidente da Vivo, está otimista com uma provável recuperação da economia brasileira, conforme entrevista à *Conjuntura Econômica*. Mas alerta que o ajuste que vem sendo feito pela equipe econômica deve priorizar o corte de gastos e não o aumento da carga tributária que vai inibir uma maior inclusão digital de camadas mais carentes da população.

Ao debutar em maio seus 15 anos de criação, a Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) passa por um teste de fogo. A desaceleração econômica não apenas complica a meta de superávit do governo federal – reduzida em julho para 0,15% do PIB – como joga a lei no centro das atenções, especialmente pela capacidade dos estados em cumprir as metas exigidas pela LRF.

Claudio Conceição
claudio.conceicao@fgv.br

Sumário

Carta da Conjuntura

8 O Banco Central deve manter o seu plano de voo
Luiz Guilherme Schymura

Ponto de Vista

14 O neodesenvolvimentismo e a omissão da economia política – *Samuel Pessôa*

Entrevista

16 Amos Genish – *Solange Monteiro*

Macroeconomia

21 Por que criticar a austeridade e não a irresponsabilidade? – *Fernando de Holanda Barbosa*

Mercado Imobiliário

22 O tombo da construção civil – *Chico Santos*

Capa – Contas Externas

32 A caminho do equilíbrio? – *Solange Monteiro*

40 Novos pesos para a balança

44 Uma nova China?

Commodities

46 Contra a maldição – *Solange Monteiro*

Fiscal

50 Disciplina à prova – *Solange Monteiro*

Criminalidade

56 Demografia e homicídios – *Rodrigo Leandro de Moura*

Energia

58 O GNL no Brasil e no cenário internacional
Ieda Gomes

Comércio Exterior

60 Mercosul, uma agenda além da conjuntura: para onde vamos? – *Lia Baker Valls Pereira*

Livro

64 Metrôpoles em movimento – *Solange Monteiro*

Índices

I Índices Econômicos

X Conjuntura Estatística